

## SOBRE "O CORPO": UM ESTUDO A PARTIR DA ONTOLOGIA SARTREANA<sup>1</sup>

## SOBRE "EL CUERPO": UN ESTUDIO DESDE LA ONTOLOGIA SARTREANA

FUCK, Lara Beatriz

Universidade Federal de Santa Catarina

[larabeatrizf@gmail.com](mailto:larabeatrizf@gmail.com)

VAZ, Alexandre Fernandez

Universidade Federal de Santa Catarina

[alexfvaz@uol.com.br](mailto:alexfvaz@uol.com.br)

SILVA, Pedro Bertolino da

Universidade Federal de Santa Catarina

[pbertolinos@gmail.com](mailto:pbertolinos@gmail.com)

PINTO, Fábio Machado

Universidade Federal de Santa Catarina

[fabiobage@yahoo.com.br](mailto:fabiobage@yahoo.com.br)

**RESUMO** Neste artigo apresentamos a compreensão ontológica de Jean Paul Sartre sobre o fenômeno Corpo, de sua obra *O Ser e o Nada*, terceira parte, capítulo II. Paralelamente expomos a aplicação desta compreensão na prática médica e psicológica de Dr. Jan Hendrik van den Berg em sua obra *Paciente Psiquiátrico, Esboço de Psicopatologia Fenomenológica*. Assim abordamos as três dimensões ontológicas do corpo: 1) o corpo como ser para si, ou corpo concreto, 2) o corpo para o outro, ou corpo abstrato, 3) o corpo no plano de confronto perceptivo antropológico em que ocorre a reciprocidade eu e outro. Ao expor estas três

---

<sup>1</sup> O presente estudo recebeu apoio do Programa de Pesquisa *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação III*, financiado pelo CNPq. Uma versão anterior, do qual este texto incorpora várias passagens e o argumento geral, procurando desenvolvê-lo, apareceu na revista *Corporalogía* (PINTO; FUCK, 2009): <http://www.corporalogia.com/Doc/numero3/corporalog%C3%ADa-O-corpo-e-suas-dimens%C3%B5es-ontol%C3%B3gicas-na-obra-de-Jean-Paul-Sartre-Pinto,F.M.;-Fuck,L.B..html>  
PINTO, Fábio Machado; FUCK, Lara Beatriz. O corpo e suas dimensões ontológicas na obra de Jean Paul Sartre. *Corporalogía*. Córdoba, Ano 1, n. 2, secc 2, p. 35-56, Junho de 2009.

dimensões ontológicas definidas por Sartre, tratamos do problema da relação corpo e consciência, a implicação ontológica entre o homem e o mundo, e, em seu desdobramento, a concepção da sensação, da dor e do prazer como ocorrências contingentes e não meramente subjetivas. Em seguida, o problema da percepção antropológica do corpo: a percepção do corpo em situação de reciprocidade (eu-outro) e a percepção da ausência do corpo-sujeito. Por fim, indicamos como essa compreensão sobre o Corpo pode permitir a superação do dualismo corpo/mente, corpo/alma, corpo/pensamento, e a primazia do pensamento sobre o corpo, bem como do corpo sobre o pensamento.

**Palavras-chaves:** Sartre, J. P.. O Ser e o Nada. Corpo. Consciência. Sensação. Personalidade. Van den Berg.

**Resumen:** En este artículo presentamos la comprensión ontológica de Jean Paul Sartre sobre el fenómeno Cuerpo, de su obra El ser y la nada, tercera parte, capítulo II. En paralelo exponemos la aplicación de dicha comprensión en la práctica médica y psicológica del Dr. Jan Hendrik van den Berg en su obra Paciente Psiquiátrico, Borrador de Psicopatología Fenomenológica. De esta manera tratamos de las tres dimensiones ontológicas del cuerpo: 1) el cuerpo como ser para sí, o cuerpo concreto, 2) el cuerpo para el otro, o cuerpo abstracto, 3) el cuerpo en el plan de confrontación perceptiva antropológica en que ocurre la reciprocidad yo y otro. Al exponer estas tres dimensiones ontológicas definidas por Sartre, tratamos del problema de la relación cuerpo y conciencia, la implicación ontológica entre el hombre y el mundo, y, en su desdoblamiento, la concepción de la sensación, del dolor y del placer como ocurrencias contingentes y no solamente subjetivas. Luego, el problema de la percepción antropológica del cuerpo: la percepción del cuerpo en situación de reciprocidad (yo-otro) y la percepción de ausencias del cuerpo-sujeto. Finalmente, indicamos como esa comprensión sobre el cuerpo suele permitir la superación del dualismo cuerpo/mente, cuerpo/alma, y la prioridad del pensamiento sobre el cuerpo, así como del cuerpo sobre el pensamiento.

**Descriptor:** Sartre, J. P.. El Ser y la Nada. Cuerpo. Consciencia. Sensación. Personalidad. van den Berg.

## 1 INTRODUÇÃO

Pretendemos expor neste artigo a compreensão de Jean Paul Sartre sobre “O Corpo”. O estudo empreendido sobre este fenômeno tem importância central em toda a sua produção no âmbito da filosofia, da antropologia e da psicologia, perpassando diversas de suas obras. Para tanto apresentaremos a posição do Corpo na ontologia sartreana, remetendo à obra “O Ser e o Nada”, especificamente à sua terceira parte, “El Para-Otro”, cujo segundo capítulo é sobre “El Cuerpo” em suas três dimensões ontológicas: I) “El Cuerpo Como Ser-Para-Si: A Faticidade”, II) “El Corpo-Para-Otro” e III) “La Tercera Dimensión Ontológica Del Corpo”.

Após essa exposição, buscaremos sublinhar algumas consequências desse estudo sobre o Corpo para os planos filosófico, antropológico e psicológico, mais como indicativos do que propriamente como reflexões conclusivas.

## **2 ORDEM ONTOLÓGICA PARA O ESTUDO DO CORPO**

Sartre adverte sobre a importância de definir uma ordem ontológica para o estudo do Corpo: a delimitação dessa ordem precisa efetivar-se de modo a respeitar a ordem do ser, do fenômeno corpo tal como ele é encontrado e não a uma ordem que fosse meramente lógica (dedutiva ou indutiva). A partir da observação direta do fenômeno Corpo, Sartre demarca dois modos por meio dos quais podemos alcançá-lo, sendo um irreduzível ao outro:

**A) O Corpo Concreto;**

**B) O Corpo Abstrato.**

Trata-se de dois modos de demarcação de um e mesmo Corpo: posso alcançar o corpo concreto, o corpo como ser para si, tal qual sou Corpo, por um tipo de intuição que lhe é própria, sem qualquer distância entre o corpo e a consciência. E posso tomar meu próprio corpo e o corpo do outro de modo abstrato por meio de uma consciência reflexiva. Esta demarcação entre o corpo que sou (concreto), e o corpo para o outro (abstrato) permite não confundir dois planos ontológicos radicalmente distintos, o que não quer dizer separados.

Dito de outra forma, não existe um corpo concreto de um lado, e de outro um corpo abstrato. Mas há dois modos distintos de alcançar o Corpo: o corpo que sou é alcançado por uma consciência perceptiva e espontânea que não permite qualquer distância entre o corpo e a consciência. O corpo abstrato é alcançado por uma consciência reflexiva que já por este modo de ser alcançado guarda uma distância nula com este corpo, demarcando-o num contexto.

Podemos citar o exemplo utilizado pelo Dr. van den Berg, quando se refere à situação de padecimento do paciente no livro “O Paciente Psiquiátrico”, para buscar objetivar o corpo concreto e o corpo abstrato:

Os lamentos do paciente quanto ao seu estado físico (não tem a menor aparência de estar enfermo), referem-se ao seu coração. Há muitos anos que vem sofrendo de palpitações, especialmente em crises esporádicas. A

princípio essas crises eram suportáveis, mas se tornaram gradualmente tão violentas que receava desmaiar de fraqueza. No intervalo dessas crises, sofre de dor permanente no peito. Parece-lhe que seu coração bate depressa demais. Há qualquer coisa de errado em seu peito; alguma coisa que vai rebentar. O paciente tem medo que seu coração pare subitamente de bater. É por isso que conserva a mão dentro do colete; quer estar alerta quanto ao seu batimento. O seu pulso, de fato, tem ritmo muito rápido e ligeiramente irregular. Afinal de contas, seria talvez conveniente consultar um cardiologista. Replica, todavia que já consultou grande número de cardiologistas, que lhe asseguraram unanimemente estar perfeito o seu coração. Mostra-me a carta que recebeu do último cardiologista consultado, o mesmo que lhe sugeriu consultar um psiquiatra. Os dizeres dessa carta confirmam que o exame cuidadoso não revelou qualquer anomalia, a não ser as batidas muito rápidas e o pulso ligeiramente irregular. Junto a carta está um filme eletrocardiográfico, que de sobejo prova nada haver de anormal no coração (van den BERG, 1981, p. 15).

Observa-se que o paciente se refere ao coração concreto, enquanto o coração examinado é tomado abstratamente pelo médico cardiologista. Contudo, trata-se de um e mesmo coração: o coração palpitante do paciente, o pulso ligeiramente irregular, é o corpo concreto, o paciente concreto, corpo e consciência. Por outro lado, o coração examinado é tomado abstratamente. E tão efetivo é o sofrimento do paciente quanto às palpitações no coração, quanto é efetivo a constatação do cardiologista de que o paciente não sofra de nenhuma cardiopatia. Dr. van den Berg aponta uma situação psicofísica e psicopatológica. O corpo concreto é psicofísico, corpo e consciência transcendendo-se para uma personalidade. Também em situações regulares, ou seja, em que não ocorrem psicopatologias podemos identificar essa situação: *“... um homem, a quem uma mulher acaba de dizer que o ama, pode começar a dançar e cantar...”*. (SARTRE, 1965, p 64). Nessa situação extraída do livro “Teoria das Emoções”, para esclarecer a emoção alegria, pode ilustrar como o dançar, o cantar são expressões do corpo concreto em movimento do homem na alegria de ser amado pela mulher amada. Provavelmente uma avaliação mais atenta encontraria esse homem na alegria de ser amado, com o coração palpitante.

Pela ordem ontológica, encontramos o corpo concreto: ou seja, o corpo que somos em uma dada situação, em movimento para o futuro, ou o corpo como ser para si: referindo-se ao exemplo precedente, primeiro temos o paciente concreto, sofrendo as palpitações no coração, dor no peito, permanentemente com a mão sob o colete e alerta quanto ao batimento de seu coração. Esse corpo concreto, encontrado no mundo, situado entre as coisas e os outros, localizado num tempo e

num espaço, pode ser abstraído desse contexto, pode ser demarcado por uma consciência reflexiva: quando entra no consultório do médico cardiologista, e é examinado, o coração do paciente é tomado abstratamente, fora do contexto. Deste modo, seguindo a ordem ontológica, precisa ser compreendido primeiramente o corpo concreto, ou o corpo como ser para si, corpo e consciência.

Esse corpo concreto pode ser tomado abstratamente, tanto pelo outro como pelo próprio sujeito: quando o paciente reclama da dor no seu peito, ou das palpitações cardíacas, ele está tomando abstratamente seu próprio corpo: ele diz “meu coração está acelerado”, e isso envolve uma atitude reflexiva em relação ao seu coração acelerado; neste momento, há uma distância entre o paciente e o coração, situação totalmente distinta de quando ele está sofrendo com as palpitações, momento no qual não há distância alguma entre o paciente e o coração acelerado, ele é o coração acelerado, ele é a mão sob o colete. A pessoa que examina o seu coração toma-o abstratamente, por meio de determinados instrumentos, do mesmo modo que pode examinar os demais objetos: um copo de água, um livro, uma garrafa, etc. Esses objetos também são alcançados pelo outro, por meio de uma consciência reflexiva. Sendo assim, o outro alcança o corpo do paciente, como alcança qualquer outro “corpo” presente numa situação dada: este é o plano ontológico através do qual o corpo é captado pelo outro, como objeto.

Ressalta-se que expomos como Sartre elucida os dois modos distintos e irreduzíveis de alcançar o corpo sem que um desautorize o outro: é tão efetivo o corpo concreto do paciente, seu coração palpitante, as dores no peito, como efetiva é a avaliação médica de que o mesmo paciente não sofre de alguma cardiopatia. Ou seja, as palpitações, as dores no peito, não encontram suas determinações em alguma disfunção do coração. Deste modo, trata-se de um sofrimento que o envolve como corpo concreto, psicofísico, e as determinações de seu sofrimento são antropológicas, isto é, relacionam-se a acontecimentos passados, presentes e futuros na vida de todos os dias entre as coisas e os outros.

O médico poderia vir a detectar algum problema cardiológico, o que só seria possível por meio da abstração: a análise de exames poderia detectar um entupimento em alguma artéria e o necessário tratamento cardiológico. Por meio disso, buscamos objetivar como os dois modos pelos quais se alcança o corpo, embora apresentem uma ordem ontológica, não desdobram para uma

desautorização do corpo abstrato em relação ao corpo concreto. Ou, o que seria o mesmo, mas na direção contrária, supor que o relato do paciente sobre seu coração palpitante é falso, na medida em que o médico não identifica nenhuma cardiopatia.

Então, temos o corpo-para-si, o corpo concreto, e sendo esse corpo, é-se o corpo-dor, o corpo-prazer, os olhos fatigados, os dedos sobre o teclado, o pescoço enrijecido, o coração palpitante etc... Essa é a primeira forma de alcançarmos o corpo, por meio de uma consciência perceptiva espontânea, imediata, e sem nenhuma distância do corpo. Neste plano, é-se integralmente corpo e consciência, um ser psicofísico e pré-reflexivo.

Por outro lado, este corpo que se é alcançado é pelo outro. Numa partida de futebol, o jogador é inteiramente: pernas que correm pelo campo de futebol, pés que chutam a bola em dada direção; se porventura ele sofre um acidente e a perna é fraturada, ele é inteiramente esta e a dor que se lhe impõe. Contudo, os torcedores o captam como objeto: constatam que o jogador chuta a bola em dada direção, que teve a perna quebrada, que por suas reações físicas, expressão facial, contorções do corpo, está com dor. Tudo isso é alcançado desde fora, pelo outro.

E finalmente a outra maneira pela qual o outro apreende no plano da relação concreta meu corpo (o corpo para si para o outro): na relação concreta, é-se outro perante o outro, e o outro é outro perante o “eu”. Isto quer dizer que na relação espontânea e imediata com o outro, o corpo não é reduzido a simples objeto para o outro, mas o alcança o corpo concreto, em movimento e reciprocidade a ele, isto é, como corpo e consciência que o alcança também como corpo concreto em movimento. Nesse plano de confronto perceptivo antropológico ocorre a reciprocidade: é-se corpo para o outro, o outro é corpo para o primeiro, que não se reduz a simples corpo para o outro, pois ele o alcança como corpo em movimento para o futuro: o outro que observa digitando o texto observa um sujeito que se move *para*, ou sendo aquele que faz surgir letra a letra, palavra a palavra que não estavam ai, e que progressivamente irão constituir o texto que se projeta. Assim, o outro alcança o sujeito sempre como projeto para o futuro: se este entra no elevador, é corpo e consciência movidos para o futuro que é entrar em determinada sala, e nesse movimento que o outro o apreende.

Ao mesmo tempo o outro não se reduz ser simples corpo perante “eu”, pois se o alcança como corpo e consciência, que se alcança e é alcançado. Implica uma

relação de reciprocidade entre dois corpos e consciência, situação expressa na sexualidade: quando duas pessoas envolvidas no ato sexual, alcançam uma a outra diretamente como corpo, sem reduzir-se e reduzir o outro a simples corpo, em situação de reciprocidade.

Assim pudemos objetivar a ordem ontológica (ordem de constituição do fenômeno como pólo objetivo ou noemático para uma consciência percipiente) por meio da qual iremos compreender o corpo conforme Sartre nos orienta e buscaremos esboçar com detalhes a três dimensões ontológicas do corpo, ambas expressando a realidade objetiva do fenômeno Corpo e Ser-Corpo.

### **3 O CORPO COMO SER PARA SI: A FATICIDADE**

O corpo como ser para si é o corpo que é, o corpo concreto. Neste plano não ocorre qualquer distância entre o corpo e a consciência: é corpo/consciência (da dor, (do) desagrado, (do) prazer. É mesmo em ato, a própria dor, o próprio prazer em carne e osso: como exemplificamos anteriormente, como quando um jogador tem a perna fraturada e não há nenhuma distância entre o corpo e a dor sofrida: ele é o próprio corpo-dor.

Expressamente o corpo concreto, o corpo experimentado como corpo-dor, é corpo/consciência transcendendo para uma objetividade como sujeito psicofísico, o sujeito que sofre a dor, integralmente corpo e integralmente consciência. Entretanto, nem o corpo, nem a consciência são fundamentos absolutos do sujeito. A consciência não se sustenta por si própria, mas precisa do objeto para ser consciência de algo, e o corpo também na realidade humana não se sustenta para si próprio, porque para ser Corpo Humano, para ser corpo para si, precisa ser consciência espontânea e imediata de ser corpo. Isso que o diferencia de qualquer outro corpo: o copo é um corpo, tem massa, mas não tem consciência de ser, por exemplo. Por isso quando se trata do Corpo Humano não é possível tomar como absoluto nem o corpo, nem a consciência.

Sartre destaca:

De modo que no que hay que partir de allí, sino de nuestra relación primera con el en-sí: de nuestro ser-en-el-mundo. Sabido es que no hay, por una parte, un para-sí y, por otra, un mundo, como dos todos cerrados cuyo

modo de comunicación habrá que indagar después. Sino que el para-sí es por sí mismo relación con el mundo; al negar de sí mismo ser el ser, hace que haya un mundo, y, transcediendo esta negación hacia sus propias posibilidades, descubre los “estos” como cosas-utensilios. (SARTRE, 1993, p. 389).

Em suma, ao verificarmos o fenômeno corpo concreto, alcançamos o homem inteiro. E nesse homem inteiro que iremos distinguir o corpo e a consciência: a consciência, pura relação com o mundo, implicando o corpo nessa relação, e o corpo implicado pela consciência. Não há consciência sem corpo, e corpo humano sem consciência. O corpo é rês, coisa, realidade física com massa: isso é constitutivo do corpo. Deste modo, o corpo tem as implicações de uma coisa no mundo, ocupa lugar no espaço, tem opacidade: se se está sentado nessa poltrona, ocupa um lugar que não pode ser ocupado por outro corpo. A consciência é pura relação com as coisas do mundo e implica o corpo. Neste sentido é importante observar que o corpo com que nos colocamos em relação e confrontamos com o outro também em relação aparece num conjunto de personalização: jamais como puro corpo a maneira das coisas (físicas e naturais).

Deste modo, o homem se encontra no meio do mundo, num ponto do tempo e num lugar do espaço, e o mundo se organiza perante o homem, corpo e consciência, conforme a materialidade que lhe é própria. Todavia, o mundo se organiza perante o homem e não simplesmente perante a consciência ou pela percepção. Claro que ocorre de ser sujeito, corpo e consciência *percipiente* perante o mundo percebido: o sujeito percebe o outro como outro, como sendo também corpo e consciência perante ele, a cadeira à frente, a mesa sob o computador. Mas acrescenta-se com relevância fundamental, o caráter antropológico segundo o qual o mundo percebido, perante o sujeito *percipiente* tem a sua organização vinda pela ação concreta, e não simplesmente pela percepção que dele se tem. Antropologicamente, o homem organizou o mundo e evoluiu para referir, o *homo faber*, o *homo sapiens* evoluíram na história, organizaram o mundo por meio de ações concretas. Em síntese, a organização do mundo vem pela ação do homem que se objetiva corpo e consciência perante o mundo. Não é de modo algum suficiente o homem perceber o mundo para viabilizar sua organização. A primeira relação implica que ocorra o homem e o mundo organizado, essa é a implicação: sem o homem esse mundo não está organizado, mas organizado pela ação e não

pela percepção. Esta compreensão é decisiva para superar o equívoco metafísico da primazia da percepção, segundo o qual o mundo é organizado pela consciência perceptiva, conforme preconizara a fenomenologia de Edmund Husserl.

Sartre salienta ao esclarecer o corpo para si:

Pues esa necesidad aparece entre dos contingencias: por una parte, en efecto, si bien es necesario que yo sea en forma de ser-ahí, es enteramente contingente que yo sea, puesto que no soy el fundamento de mi ser; por otra parte, si bien es necesario que mi ser esté comprometido en tal o cual punto de vista, es contingente que sea precisamente en este o aquel punto de vista, con exclusión de cualquier otro. Esta doble contingencia, que encierra una necesidad, es lo que hemos llamado la *faticidad* del para-sí. (...) En este sentido, podría definirse el cuerpo como *la forma contingente que la necesidad de mi contingencia toma*. No es otra cosa que el para-sí; no es un en-sí en el para-sí, pues entonces fijaría todo. Sino que es el hecho de que el para-sí no es su propio fundamento, en tanto que ese hecho se traduce por la necesidad de existir como ser contingente comprometido en medio de los seres contingentes (SARTRE, 1993, p. 392-393).

Necessidade ontológica é aquilo que é necessário na própria constituição do ser, enquanto contingente é aquilo que ocorre, mas não tem nenhuma necessidade de ocorrer. Assim, é necessário ontologicamente para a constituição do ser humano ser inteiramente no mundo num dado ponto do tempo e num lugar do espaço: não há outra possibilidade de ser homem, senão situado num ponto do tempo, e num lugar do espaço, essa é uma necessidade ontológica, ou a condição de possibilidade de ser para o homem. Por outro lado, essa condição de possibilidade de ser humano no mundo, num lugar e num espaço é inteiramente contingente: isto é, não há necessidade de ser em tal ou qual lugar do espaço ou ponto do tempo. Entretanto, a condição de possibilidade de ser humano, de ser corpo/consciência, é ser nessa contingência.

Acrescenta-se que o corpo é forma contingente, o que quer dizer que, por sua própria constituição, não tinha nenhuma necessidade de implicar-se com a consciência. Quer dizer, nosso corpo não tem qualquer elemento que implique ou faça sua implicação com a consciência algo necessário pela constituição de si. Tampouco encontramos no corpo algo que nos faça transcender para uma personalidade, e por isso que o corpo não é o nosso fundamento.

Deste modo, como corpo se é coisa, mas não se pode reduzi-lo a “ser coisa”. Isso pelo fato de que não há como o sujeito ignorar que se é coisa entre as coisas e

não se reduz ser coisa entre as coisas, visto que se é consciência de ser corpo entre outros corpos. Em síntese, não há como ignorar que se é o que é (corpo) e é o que não é (consciência). Ser o que é significa ser coisa, ser o que não é, é não ser coisa, é ser consciência de ser. Ou seja, não há como ignorar que se é corpo e consciência.

Quando investigamos o homem concreto, encontramos-lo onde o corpo e a consciência são ontologicamente necessários para esse ser que não pode ser o ser o que é sem consciência e sem corpo. Isso traz como necessidade ontológica para o ser do homem, como realidade humana, que não é possível aceitar como procedente a elucidação do homem como não sendo corpo.

A compreensão do corpo que se é implica compreender a noção de sensação. Nesta direção, Sartre revoga a noção de sensação como puramente subjetivas:

Se reconocerá sin duda que no encontramos jamás en nosotros mismos esa impresión fantasma y rigurosamente subjetiva que es la sensación; (...) Pero ello no quita que *los sentidos* permanecen. Veo el verde, toco este mármol pulimentado y frío. Un accidente puede privarme de un sentido íntegro: puedo perder la vista, volverme sordo, etc. Qué es, pues, un sentido que no nos da sensación? (SARTRE, 1993, p. 400, 401).

Sartre esclarece como o sentido está por toda a parte: por exemplo, o tinteiro sobre a mesa é dado imediatamente em forma de uma coisa e, no entanto, é-me dado pela visão. Sua presença é presença visível e o sujeito é consciência de que é presente como tal, ou seja, consciência (de) vê-lo. Nesse momento o sujeito não é consciência da vista que vê o tinteiro, mas é inteiramente consciência do tinteiro. Quando se toca um objeto áspero, ou um objeto macio, a aspereza ou a maciez é dada pelo objeto que é tocado: vem do objeto a aspereza ou a maciez e não da disposição subjetiva. Quando se ouve um ruído, ou, pelo contrário, uma música suave, o desconforto auditivo vem do próprio ruído que está aí presente no mundo, ou o conforto auditivo da própria música produzida pelo conjunto de notas que compõe uma determinada melodia. E para ir um pouco adiante, se se come uma comida estragada, a repugnância, até mesmo o vômito vêm da própria comida estragada, como também se se degusta um prato com combinações adequadas de temperos, o prazer de saborear é função direta de como ele se apresenta com seus temperos, especiarias etc.

Isso tudo depende da constituição da personalidade, no caminho evolutivo até o fechamento do cogito, durante a infância: porque poderia ser posta a questão, como um ocidental, em termos universais, não suportaria comer carne humana enquanto em certos tribos, o antropófago a come? Isso nos remete a compreensão do desenvolvimento da personalidade num contexto antropológico, o que envolve necessariamente a relação entre os planos objetivo e subjetivo.

Depois de uma noite agitada, se uma pessoa sentir-se mal e resolver ficar na cama, poderá - se a isso for convidada - descrever a sua situação, contando como se sente subjetivamente: cansada, nauseada, sem apetite e com dor de cabeça - dados esses que parecem subjetivos mas que, na realidade, dificilmente podem ser chamados assim. Essa pessoa sente cansaço nas pernas e na cabeça, náusea na garganta, nenhum apetite para o café com biscoitos, etc. Está completamente fora de nossa capacidade descrever um mal estritamente subjetivo, um mal-estar que pertença ao sujeito, mas não ao corpo e seu ambiente. Quem se queixa, queixa-se de coisas que estão aí no corpo ou nos objetos (van den BERG, 1981, p. 46).

Concluindo, os sentidos não podem ser definidos como sucessão de estados vividos subjetivamente: por exemplo, a visão não é a soma de sensações visuais. Mas *“no puede ser el sistema de los objetos vistos? En tal caso, há de volverse sobre esa idea de orientación e intentar captarla en su significado”*. (SARTRE, 1993, p. 401). A “orientação” é uma estrutura constitutiva da coisa: o objeto aparece sobre fundo do mundo e se objetiva como forma entre outros objetos. A existência de um campo visual, ou tátil, ou auditivo é uma necessidade ontológica - um som particular se destaca de um campo sonoro de ruídos indiferenciados. O nexos material entre *“tal o cual esto y el fondo es a la vez elegido y dado”*. (SARTRE, 1993, p. 402). É elegido: entanto que é perante a consciência que irá se dar. É dado: minha eleição se opera a partir da distribuição original das coisas e objetiva a faticidade mesma própria do meu surgimento. *“Esta contingencia entre la necesidad y la libertad de mi elección es o que llamamos el sentido”* (Sartre, 1993, p 402).

As regras da aparição dos objetos sobre o fundo do mundo não podem ser consideradas psicológicas ou subjetivas: são rigorosamente objetivas e emanam da natureza das coisas. O próprio fenômeno se impõe com sua própria constituição interna. Por outro lado, é preciso decidir em que direção se colocar, isso é a liberdade. De acordo com essa direção, eleita, por exemplo, quando se escolhe voltar-se para o livro sobre a mesa, esbarra-se na consistência de ser desse objeto e a percepção vai oferecer aquilo ali: o livro em sua consistência material e objetiva.

Pode-se escolher dirigir-se ao copo com água e encontrar esse objeto na sua constituição interna de ser copo. Assim, pode-se escolher a direção, mas necessariamente esbarra-se numa objetividade que tem uma constituição interna, uma necessidade ontológica, o que quer dizer, uma condição de possibilidade de ser conforme sua constituição própria. Assim sendo, o Sentido é a relação concreta que vai variar entre a liberdade e a necessidade, o sentido resulta da relação perceptiva com o objeto.

Compreendendo a sensação, ou o sentido, como a relação concreta entre o sujeito e o objeto, que implica de um lado a liberdade do sujeito, e de outra a necessidade ontológica do objeto, torna-se possível compreender como a sensação e a ação reúnem-se e constituem uma unidade que é dada com os próprios objetos. O corpo em ação não é instrumento. Por exemplo, enquanto se escreve, é-se corpo, as próprias mãos, e dispõe como instrumento as folhas, a caneta etc. Não há distância entre “eu” e a mão que escreve, é-se a mão escrevendo e valendo-se de certos utensílios. A mão simplesmente é movida pelas palavras por escrever.

O Corpo que se é, o corpo para-si, é dado implicitamente: ao ler um livro, o movimento dos olhos não aparece senão aos olhos de um observador. Como corpo para-si, ao ler um livro, capta-se o surgimento das palavras, uma atrás das outras, e assim sucessivamente. A sucessão das palavras ocorre no tempo objetivo, e é dada por meio de temporalização própria, da progressão simétrica na leitura. Mesmo a dor é indicada pelos objetos do mundo. Se doem as vistas enquanto se lê, as palavras do livro são arrancadas com maior dificuldade: pode ocorrer de tremer, seu sentido dar-se mais trabalhosamente. Essas indicações da dor nas vistas podem faltar enquanto a leitura absorva e faça esquecer a dor, dependendo da intensidade dela. Contudo, isso não indica que a dor mesma tenha desaparecido, de modo que por uma consciência reflexiva posterior poderia apreendê-la como estando ali. Trata-se de captar a maneira com que a consciência existe sua dor. A dor contém uma informação acerca de si: é impossível confundir uma dor de estômago com uma nas vistas, na cabeça, nas pernas. Mas a dor é totalmente desprovida de intencionalidade, somente é dor. A dor-olhos não se distingue da maneira de captar as palavras transcendentais.

A dor se temporaliza, e por essa temporalização pode aparecer ao tempo do mundo. Então a dor é a matéria translúcida da consciência, seu ser aí, sua

vinculação com o mundo: não há separação entre corpo e consciência da dor. Do mesmo modo, o prazer, não se separa do corpo e da consciência; o próprio corpo é prazer.

Como seria possível sustentar que a dor no dedo é a contingência mesma do ato de ler? A leitura implica a existência do mundo como fundo necessário: enquanto se lê, não se perde de vista as cores, os movimentos que rodeiam: não cessa a audição dos sons, mas eles simplesmente se perdem na totalidade indiferenciada que serve de fundo da minha leitura. Correlativamente, o corpo não deixa de ser indicado pelo mundo como o ponto de vista total sobre a totalidade mundana. Assim, o corpo não deixa de ser na totalidade, na medida em que é a contingência total da consciência. Então, ao ler, os olhos aparecem como forma sobre fundo de totalidade corporal. Não se trata dos olhos vistos pelo outro, mas a contextura mesma da consciência de ver, enquanto esta é uma estrutura de consciência mais ampla do mundo. *“Tener conciencia, en efecto, es siempre tener conciencia del mundo, y así el mundo y el cuerpo son siempre presentes, aunque de modo diverso, a mi conciencia.”* (SARTRE, 1993, p 422).

#### **4 O CORPO-PARA-OUTRO**

O corpo como ser para-si, o corpo que é, é o centro de referência indicada pelos objetos-utensílios do mundo:

Uma jovem tem uma tarde de folga. Resolve ir passear na cidade e espera atrair a atenção dos rapazes que encontrar. Veste o mais lindo vestido e aplica um pouco de maquilagem. (...) (van den BERG, 1981, p. 58).

A jovem como corpo que é, corpo para-si, indicada pelo lindo vestido, pela maquilagem que aplica, e como o corpo que é ela se olha no espelho (vai do concreto ao abstrato, do corpo que é para o corpo que tem):

(...) Quando está pronta, examina o resultado no espelho, ou melhor, faz de conta que outras pessoas estão olhando pelos olhos dela, como se dissessem: ‘olhem para a moça no espelho’. Se essas outras pessoas disserem: ‘ela é mesmo bonitinha’, ela se levanta e, por alguns momentos, caminha pelo seu quarto. Então ela já está na cidade: de outra maneira ela não poderia andar assim, nem parecer tão ‘sexy’. (...) (van den BERG, 1981, p. 58).

Assim, ela como corpo concreto, ao olhar-se no espelho, toma-se por objeto e avalia se está bonita, atraente para o olhar de um outro. Assim, ao mesmo tempo em que a jovem é o corpo concreto indicada pelos objetos-utensílios, pode olhar-se e tomar distância, a despeito do corpo que é, buscando tomar a perspectiva do outro. Ela concretamente, como corpo existe também para o outro. Essa é perspectiva ontológica sob a qual devemos estudá-lo: a maneira em que o corpo aparece ao próximo, como a maneira em que o corpo alheio aparece. As estruturas do ser para o outro são idênticas as do ser do outro para ela.

(...) Deixa então o quarto e diz “até logo” aos pais. Ao dizer “até logo”, comporta-se diferentemente: anda de outra maneira e não lança olhares provocantes. Não que seus pais critiquem muito o seu comportamento; ela não está contendo-se ou corrigindo seus modos, esta apenas comportando-se com naturalidade; a mudança de seu comportamento efetua-se sem nenhum esforço. Significa isto que, no momento de se despedir dos pais, ela está ainda situada no ambiente de sua infância e os seus modos se ajustam a esse ambiente. O seu corpo dá a reação adequada àquilo que a casa paterna está a gritar-lhe: “és uma criança”. Sai então da casa. Assim que está na cidade ouve outras vozes; as ruas estão brilhando com uma luz que nunca viu em criança. Isto comprova que ela é adulta. A maneira que a gente olha para ela está a dizer-lhe que está vestida como mulher jovem e atraente e que seu corpo está maduro. De novo o corpo se ajusta à situação, meneando-se e rescendendo sexualidade (van den BERG, 1981, p. 58).

Por meio dessa situação podemos objetivar como somos corpo para o outro dentro de uma situação dada, ou, de outro modo, dentro de uma certa atmosfera humana: enquanto a jovem estava perante seus pais, ela se movia na atmosfera de seu ambiente familiar, como filha, já quando saiu para a cidade, entre as ruas, as vozes, os olhares atraídos, ela se movia dentro de uma atmosfera na qual se objetivava perante o olhar dos outros como uma jovem mulher atraente. Deste modo, buscamos salientar como o corpo para outro não é uma relação, senão entre as coisas, e dentro de uma dada atmosfera; se a relação fundamental entre o ser e o outro se reduzisse a relação entre o corpo e o corpo do outro, seria pura relação de exterioridade. Mas a conexão com o outro é inconcebível se não é uma negação interna: deve-se captar o próximo primeiro como aquele para quem se existe como objeto. O próximo existe e é captado em seu corpo depois; o corpo alheio é uma estrutura secundária.

Um homem está olhando pelo buraco da fechadura, coisas que não lhe dizem respeito. Está absorvido pelo que vê. É como se tivesse penetrado no aposento pelo buraco da fechadura. Deixou seu corpo fora da porta; é por isso que não percebe como está ficando cansado. Ouve passos que se aproximam. Então acontecem diversas coisas. Mesmo antes de se erguer, desaparece o quarto que se acha do outro lado da porta, o quarto em que ele se encontrava em espírito. Volta para fora da fechadura. Aquilo que estava tão perto, tão perto que o fizera esquecer do próprio corpo, torna-se - em decorrência da presença da outra pessoa - um lugar muito e muito afastado. A distância persiste quando percebe que a outra pessoa desaprova o seu comportamento. Mas é possível que os passos pertençam a uma pessoa que já tenha compartilhado das suas espiadelas pelo buraco da fechadura. Nesse caso, a proximidade da cena volta imediatamente; é mesmo possível que o espetáculo se torne ainda mais próximo, em consequência da experiência da observação feita em conjunto (van den BERG, 1981, p. 67).

Por meio dessa situação demonstrada por Sartre, e referida por van den Berg, buscamos salientar o aspecto da relação corpo para outro: o sujeito que está espiando pela fechadura, e absorvido no que espia, está sendo concretamente corpo: sendo o olho que olha através da fechadura, as pernas inclinadas etc. Ele é corpo numa dada situação, dentro de uma atmosfera. Quando o outro o surpreende espiando pela fechadura, ele é alcançado como corpo que espia através da fechadura e não tem como ignorar essa condição de ser corpo para o outro. Pela presença do outro, alcançado pelo outro, a atmosfera em que ele estava inserido espiando pela fechadura, pode se extinguir, armando-se outra na qual ele pode se constranger, ou ela pode ser reforçada pela presença do outro, na medida em que o outro confirme ou compartilhe o seu ato de espiar pela fechadura.

Deste modo que Sartre esclarece como o próximo aparece como transcendência-transcendida: a pessoa que surpreendeu o sujeito espiando pelo buraco da fechadura não se objetivou como simples corpo, mas corpo e consciência, alcançado-o no ato de espiar pela fechadura. Ao mesmo tempo, o sujeito que espia pela fechadura, também é alcançado como transcendência-transcendida, e não como simples corpo. Ambos situados ali naquele contexto, cada qual com uma posição no tempo e no espaço: enquanto um está inclinado espiando pela fechadura, o outro está se movendo em sua direção, observa-o espiando. Ambos são indicados, um para o outro, pelas coisas como um instrumento. Em suma, o outro é uma faticidade que se aparece a outra faticidade. Um pode submeter o outro a instrumento, sem que qualquer deles se reduza a ser apenas instrumento.

Nesta direção, Sartre esclarece como corpo alheio, ou o corpo-outro, é indicado pelas coisas-utensílios, exemplificando como uma sala revela o corpo de seu proprietário: a cadeira onde ele senta, o escritório no qual ele escreve, a janela através da qual entra a luz que ilumina os objetos que ele vê. Assim, o outro está esboçado em todas as partes, mesmo na sua ausência.

Así, el cuerpo del prójimo es su faticidad como utensilio y como síntesis de órganos sensibles en tanto que ella se revela a mi propia faticidad. Me es dada desde que el prójimo existe para mí en el mundo; la presencia o ausencia no cambia nada en ella. (SARTRE, 1993, p. 431).

De outro modo, o corpo alheio se revela por duas características igualmente contingentes: é aqui e pode ser em outra parte.

O corpo é material, implica a disposição de utensílios. Pierre não está, mas se pode ter uma idéia de Pierre pelos elementos que compõem o cenário em que ele se situa: abre-se seu guarda-roupa e observa-se suas calças, camisas, e sapatos, e por meio desses utensílios pode-se alcançar o corpo de Pierre: alto magro, com pés grandes etc. Assim, a ausência do outro é alcançada por meio de uma percepção. O corpo do outro é percebido nos objetos, tanto na ausência como na presença: o outro é percebido na ausência por meio dos objetos, como objeto real virtual, ou seja, como objeto real sem massa.

É crucial compreender, como o próximo é dado originariamente como corpo em situação, como não captamos nunca o corpo fora dessa relação concreta, espontânea e perceptiva. Numa situação dada, dentro de uma atmosfera, o outro aparece como sendo corpo e não como tendo corpo, como transcendência-transcendida, como alguém que não se reduz a corpo, mas transcende a ser puro corpo. No plano de ser corpo que ocorre o confronto com o outro: o outro aparece num episódio, em que estão envolvidos eu e o outro, em relação espontânea e perceptiva. Vejamos um episódio, citado por van den Berg:

Uma jovem dos seus dezesseis anos entra num quarto em que seu irmão mais velho está conversando com alguns colegas. Quando os amigos vêem quem está entrando, param de conversar e olham para ela. Pela primeira vez em sua vida, a moça percebe que está sendo olhada por olhos masculinos. Enrubesce. Os amigos do irmão estão olhando para ela sem disfarce; estão olhando através de suas roupas. Os seus olhos estão procurando despi-la. Em decorrência, a jovem sente que lhe roubaram o corpo; de certo modo seu corpo tornou-se propriedade do corpo dos amigos do seu irmão. Mas esta alienação do próprio corpo não é tudo. Pela primeira

vez em sua vida, percebe que deseja possuir este corpo, novo e bem modelado (van den BERG, 1981, p 72).

A relação entre a jovem e os amigos de seu irmão ocorreu dentro de uma atmosfera humana: quando ela entra no quarto, cessa a conversa e todos olham para ela. Ela é alcançada pelos outros como sendo corpo, centro de referência em torno do qual se organizou a situação, centro de referência de percepção: todos observam o seu corpo sem disfarce, com desejo. A força de atração vem do corpo concreto da jovem. Ela atrai, e ao mesmo tempo, através dos olhos dos que a miram, constata-se atraente, sem reduzir-se a ser puro objeto para eles, transcendendo-se para o desejo de ser esse corpo novo e bem modelado.

Assim, o corpo para o outro é uma totalidade sintética. A jovem, ao entrar no quarto, foi alcançada como corpo concreto, um corpo de uma adolescente. Os garotos nunca poderiam captar o seu corpo senão a partir de uma situação que o indique: ela entrando no quarto, com certa roupa, determinado penteado, realizando iniciativas. A percepção abstrata de um órgão qualquer do corpo desta jovem será indicado pela totalidade: seus cabelos contrastarão ou não com a cor de sua pele, conforme a relação de ambos, seus seios serão grandes ou pequenos conforme sua estrutura física etc. Deste modo, a percepção do corpo do outro é radicalmente diversa daquela das coisas: no plano da percepção sempre alcança-se o outro como corpo concreto, que envolve ser corpo e consciência, enquanto as coisas se reduzem a simples objetos.

No se podrá comprender nunca el problema psicológico de la percepción del cuerpo ajeno si no se capta ante todo esta verdad de esencia: el cuerpo ajeno es percibido de modo muy diverso que los demás cuerpos; pues, para percibirlo, se va siempre de lo que está fuera de él, em el espacio y el tiempo, a él mismo; se capta su gesto a 'contrapelo', por una suerte de inversión del tiempo e del espacio. Percibir al prójimo es hacerse anunciar por el mundo lo que el prójimo es (SARTRE, 1993, p 435-436).

Alcanço sempre o outro em movimento: a jovem andando pelas ruas da cidade, a garota entrando no quarto do irmão, o homem expiando pelo buraco da fechadura. O corpo aparece a partir da situação como totalidade sintética da vida e da ação. É em ação que eu percebo o outro.

Assim, o corpo do outro não se distingue de modo algum do outro-para-mim: ser objeto para outro e ser-corpo são duas modalidades ontológicas que constituem

traduções rigorosamente equivalentes do ser-para-outro do para-si: isto quer dizer que não há distinção alguma entre o corpo atraente da jovem entrando no quarto e a atração provocada nos amigos de seus irmãos. Nessa situação de atração recíproca, as significações não remetem a um misterioso psiquismo. As significações são este psiquismo, entanto que este é transcendência-transcendida; as significações se referem ao mundo, e nada além do corpo. As manifestações emocionais, ou os fenômenos chamados de “expressão” não indicam uma afecção subjetiva.

Neste sentido, o rubor, o tremor nas mãos, os olhares para baixo, não expressam a cólera, mas são a própria cólera. No entanto, um punho cerrado tomado abstratamente não é nada e tampouco algo significa. Mas não o percebemos isoladamente, mas sim um homem concreto que em certa situação cerra o punho. Este ato considerado com o passado e o futuro e seus possíveis, compreendido a partir da totalidade sintética corpo em situação, é a cólera; e não remete a nada mais do que ações no mundo (insultar, golpear etc.).

(...) el ‘objeto psíquico’ está enteramente entregado a la percepción, y es inconcebible fuera de estructuras corporales. (...) El cuerpo es el objeto psíquico por excelencia, *el único objeto psíquico*. Pero, si se considera que es trascendencia-transcendida, su percepción no podría, *por naturaleza*, ser del mismo tipo que la de los objetos inanimados. (SARTRE, 1993, p. 437).

O corpo alheio é dado imediatamente como o que o outro é. Observa-se um homem caminhando, compreende-se seu andar a partir de um conjunto espaço temporal: está na rua, na calçada, sempre no mesmo ritmo, passos contados e marcados, todo esse conjunto indica que o sujeito está em sentinela. Percebe-se esta marcha vindo do futuro ao presente. Exatamente o movimento psíquico se refere a dois termos: o futuro e o passado.

O corpo que se nos revela originariamente não é o corpo da anátomo-fisiologia, seria um erro torna-lo assim, tanto quanto confundir nossos sentidos para nós mesmos com nossos órgãos sensoriais para o outro. O corpo psicofísico que se nos impõe.

Capta-se o próximo como livre: a liberdade é uma qualidade objetiva do próximo como poder incondicionado de modificar situações. Assim, o outro se objetiva perpetuamente a partir de uma situação modificada, ao que se deve que o

corpo é sempre passado. A cólera do outro objetiva-se como livre-cólera, que pode ser apaziguada ou não. Assim o corpo sendo a faticidade da transcendência-transcendida, é sempre corpo-que-indica mais além de si-mesmo. Daí a função da significação corpo indicar para além dele, para o futuro real: o jogador de futebol se dirige até a bola, e se move para fazer o gol, e qualquer expectador capta o jogador como corpo em movimento, em direção ao gol, e um gol por ser realizado ou não. Assim, *“El cuerpo para otro es el objeto mágico por excelencia”* (SARTRE, 1993, p 442). O corpo do jogador, ou o jogador concretamente em movimento, tem a função virtual de afetar os torcedores: entram em euforia, ficam apreensivos, e toda essa situação é objetivada concretamente em seus corpos: suas expressões faciais, como seguram a camisa, como se movimentam na arquibancada. Nesta situação, o movimento do jogador que se dirige em direção à trave tem força virtual de atrair atenção de todos os expectadores, afetando-os em seus corpos concretos. Neste sentido que o corpo alheio é sempre corpo-mais-que-corpo, porque ele é dado sem intermediário e totalmente no perpetuo transcender sua faticidade: na medida em que o jogador move-se para o futuro de fazer o gol, na sequência de realizar o gol, ele torna-se agora o jogador que fez o gol. Assim, este transcender não se remete a uma subjetividade mas ao fato objetivo de que o corpo aparece jamais fora de uma dada atmosfera, e deve ser determinado a partir dela: o jogador objetiva-se dentro de uma atmosfera de competição, num determinado campeonato, o gol terá a função de fazer seu time ganhar aquela partida etc. Deste modo:

El cuerpo del prójimo no debe ser confundido con su objetividad. La objetividad del prójimo es su transcendencia como transcendida. El cuerpo es la faticidad de esta transcendencia. Pero corporeidad y objetividad del prójimo son rigurosamente inseparables. (SARTRE, 1993, p 442).

## **5 A TERCEIRA DIMENSÃO ONTOLÓGICA DO CORPO**

A terceira dimensão do corpo: entanto que se é para o outro, o outro se revela sujeito para o qual se é objeto, eu como personalização. Esta é a relação fundamental com o próximo: conhecido pelo outro em faticidade mesma, a título de ser corpo.

Podemos nos valer das situações empíricas descritas pelo Dr. van den Berg, para compreender o plano concreto no qual ocorre a relação outro-outro, corpo-

corpo; plano no qual o outro não é alcançado como simples objeto, mas como corpo e consciência em relação a outro corpo e consciência, situação na qual ambos transcendem para uma situação de reciprocidade.

Conforme Dr. van den Berg (1981, p. 52-53):

É necessário salientar que, no estado pré-reflexivo homem e corpo estão muito estreitamente entrelaçados, se não idênticos, enquanto a simples reflexão já cria aí uma distinção. Dessa reflexão de todos os dias originou-se a convicção de que o corpo pertence ao mundo dos objetos materiais. E essa convicção, de que o corpo é um objeto material, tornou-se extraordinariamente fértil no campo da ciência médica, pois um objeto que se tem pode ser dissecado e, dessa forma podemos procurar entendê-lo; ao passo que aquilo que somos não pode ser dissecado. O estudante de medicina que está acariciando a mão de sua namorada cometerá um erro se, no seu pensamento, estiver estudando simultaneamente a anatomia dessa mão. A mão da sua amiguinha não tem veias, músculos, nervos ou ossos. Está acariciando outra mão na qual na verdade é macia ou dura conforme o lugar e ainda apresenta outras particularidades (tais como um pulso palpitante), mas que não pode ser encontrada no seu livro de anatomia.

A partir dessa situação, podemos demarcar os dois modos como o outro pode ser alcançado, ou como podemos ser alcançados pelo outro, sendo esses dois modos irreduzíveis e distintos: como já anteriormente dito, e o exemplo demonstra, o outro pode ser alcançado como objeto por meio de uma consciência reflexiva. Contudo, no plano da relação concreta, o outro se nos impõe como corpo concreto: a namorada do estudante de medicina é corpo concreto alcançado pelo namorado. Caso ele viesse a estudar a anatomia de suas mãos como refere van den Berg, o namorado adotaria uma atitude reflexiva em relação à namorada, e assim a relação se deslocaria do plano irrefletido, espontâneo, para o reflexivo: a namorada não se importaria mais como namorada, mas como mão a ser estudada. Assim, ele já não estaria na espontaneidade sendo tão corpo para a namorada como a namorada para ele: ele ficaria de fora, e não teria a experimentação de ser corpo concreto captado e perante outro corpo concreto, sua namorada; ela se evaporaria!

Sartre esclarece como é por meio da percepção alheia, ao plano da consciência pré-reflexiva, que se tem a revelação de ser objeto, da transcendência como transcendida: ou seja, como corpo e consciência no meio do mundo, e não como simples objeto. De outro modo, é-se alcançado pelo outro na existência de fato, é-se responsável pelo ser-aí-para-o-outro, e este é precisamente o corpo, que

não se reduz a ser corpo, que como corpo e consciência o alcançam como outro corpo e consciência numa relação de reciprocidade.

Na sequência do exemplo supracitado, van den Berg prossegue esclarecendo como

(...) a vida pré-reflexiva, isto é, a vida que é vivida na existência de todos os dias, não conhece a fisiologia; ao comer tornamo-nos estômago, da mesma forma que nos tornamos cabeça, quando estudamos; tão “cabeça” que não sentimos a fome do estômago, nem o formigamento das pernas cruzadas muito tempo debaixo da mesa. No ato sexual – ultimo exemplo – não são esses objetos chamados órgãos sexuais que se tornam utilizáveis para os parceiros, dois sujeitos presos dentro de seus corpos; a simples idéia de tal coisa tornaria o ato sexual impossível. No ato sexual, homem e mulher transformam-se em criaturas de sexo, até mesmo em órgãos sexuais; e esta alteração não pode ser catalogada por nenhum anatomista ou fisiólogo. As coisas catalogadas por eles são de outra ordem: a ordem dos conhecimentos reflexivos e, portanto, gnósticos, enquanto a transformação do homem e da mulher pertence à ordem da experiência pré-reflexiva e, portanto, da vivência pática. (van den BERG, 1981, p. 53).

A referência a situação corpo-a-corpo, na relação sexual, onde os sujeitos são corpos concretos, ou seja, corpo e consciência implicados, expressa inequivocamente a situação de reciprocidade. Nesse plano ninguém é simples corpo-objeto para o outro, mas sim, corpo e consciência implicados. Assim, nesse plano ontológico se reestabelece a relação fundamental com o outro, ambos na experimentação de ser como horizonte, sendo outro para o outro e por meio do outro.

Desse plano se evolui para uma relação reflexiva, condição para a personalização, ou seja, o outro como personalidade totalizada, e eu como personalização. Dito de outra forma, temos a relação concreta outro-outro, e no desdobramento a apropriação reflexiva de ser outro para o outro; nesse plano ocorre a linguagem, por meio do qual ocorre o compartilhamento dessa elaboração reflexiva.

Assim, Sartre objetiva a terceira dimensão ontológica do Corpo, cuja expressão inequívoca é a sexualidade, na qual estão implicados dois corpos concretos, que não têm jamais como se reduzir a puro corpo para o outro, mas impõem-se sempre como corpo e consciência, corpo que capta o outro corpo, ao mesmo tempo que é captado: condição de possibilidade para a alteridade e para a reciprocidade.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A relevância do “Corpo” nos estudos e pesquisas empreendidas por Sartre, está sustentada na compreensão ontológica deste fenômeno, que permite objetivar o corpo humano implicado à consciência, assim como consciência ao corpo, de modo que não o podemos encontrar senão como Corpo e consciência no plano concreto. Apenas por abstração podemos separar corpo e consciência. Essa compreensão sobre o Corpo permite a superação do dualismo corpo/mente, corpo/alma, corpo/pensamento, bem como, dentro desse dualismo, a primazia do pensamento sobre o corpo, ou do corpo sobre o pensamento. Contrariamente, encontramos exatamente na implicação contingente entre o corpo e consciência a condição de possibilidade do homem se personalizar, sem que nenhum deles seja seu fundamento.

O fundamental na contribuição das pesquisas empreendidas por Sartre é a objetivação da realidade concreta, na qual o homem é integralmente corpo e integralmente consciência de ser corpo, sem que haja possibilidade antropológica, para a realidade humana, de ser sem corpo ou sem consciência de ser corpo: um implicado ao outro.

Em psicologia, filosofia e antropologia metafísicas é comum tratar do fenômeno “Corpo” exatamente desprezando o corpo concreto, a consciência do outro como sendo outro corpo e consciência. Consequentemente tratam o outro como sendo simples corpo ou corpo abstrato. Entretanto, se atentamos para a relação concreta perante o outro, o outro se impõe como outro que eu, e outro corpo/consciência. Quer dizer, não há como ignorar que o outro não se reduz a ser mero corpo, mas é corpo e consciência: como um para si para outro. Ou ainda, como um sujeito psicofísico. A consciência que se tem do outro é consciência de um outro sujeito, não é consciência de um objeto ao qual depois se vai acrescentar por uma série de reflexões o fato de haver uma consciência. O outro já no seu movimento imediato, na sua própria posição, no olhar e tudo o mais se impõe como sendo um objeto-sujeito, se quiser dizer, corpo-sujeito. Então já encontramos, no próprio concreto, a realidade humana na sua objetivação, o sujeito, que não precisa ser constituído por meio de uma série de interpretações lógicas e metafísicas. O

outro já se impõe como outro sujeito na medida em que se é imposto a ele, outro-sujeito, a relação é para-si-para-outro. Não é uma relação abstrata, mas concreta. Agora ao analisar essa relação concreta, podemos privilegiar o abstrato, absolutizar o abstrato, e concluir que o outro é um corpo ao qual se atribui uma alma, uma consciência, ou um aparelho mental: a psicologia, a antropologia e a filosofia que absolutizam como fundamento do ser a consciência, ou, por outra, absolutizam como fundamento do ser o corpo, não compreendem a complexidade do fenômeno corpo. Desprezam como nossas relações com os outros são concretas, como o “eu” experimenta perante o outro, e o “outro” se experimenta “outro” perante “eu” dentro de uma situação ou episódio dado, como os referidos por van den Berg. Ou seja, como é por dentro de uma atmosfera antropológica que acontece nosso confronto de ser com o outro. De fato, podemos observar o outro abstratamente, como o médico o faz. Mas neste caso, apesar de se tratar de uma relação efetiva e legítima, não é uma relação de reciprocidade, neste caso o “eu” não está numa relação de ser a ser com o outro. Ao contrário, está em relação de sujeito-objeto: os olhos são objetos a serem examinados pelo oftalmologista, por exemplo.

Com essas reflexões pretendemos salientar alguns elementos essenciais da contribuição de Jean Paul Sartre para o estudo do Corpo. Contudo, não temos a pretensão de esgotá-las, visto que a problemática do corpo está presente em toda a obra de Sartre.

### ***LARA BEATRIZ FUCK***

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Membro do Núcleo de Estudos Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq) e Membro do Núcleo Castor Estudos e Atividades em Existencialismo (NUCA).

### ***ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ***

Doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha; Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq); Pesquisador CNPq.

**PEDRO BERTOLINO DA SILVA**

Mestre em Antropologia Filosófica pela PUC – RS; Professor Aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Membro do Núcleo Castor Estudos e Atividades em Existencialismo (NUCA).

**FÁBIO MACHADO PINTO**

Doutor em Educação pela Université Paris 8, França; Professor da Universidade Federal de Santa Catarina; Membro do Núcleo de Estudos Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq) e Membro do Núcleo Castor Estudos e Atividades em Existencialismo (NUCA).

**REFERÊNCIAS**

DESCARTES, René. Discurso do Método. **Os Pensadores**. 4ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, Jean Paul. **El Ser y Nada. Ensayo de Ontologia Fenomenológica**. 9ª edição. Buenos Aires: Losada, 1993.

SARTRE, Jean Paul. **Esboço de uma Teoria das Emoções**. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

VAN DEN BERG, Jan Hendrik. **O Paciente Psiquiátrico. Esboço de Psicopatologia Fenomenológica**. 4ª edição. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.